



DOSSIÊ (ARQUEOLOGIA)

Memória de pertencimento soterrada pelo tempo

Belong's memories buried by the time

Alexandre Pena Matos¹

orcid.org/0000-0002-0022-9185
lapa@lapaarqueologia.com

Joyce Rodrigues

Macedo²

orcid.org/0000-0002-6565-748X
oficinadapsique@gmail.com

Recebido em: 19 dez. 2019.

Aprovado em: 23 fev. 2020.

Publicado em: 14 jun. 2020.

Resumo: O fio condutor desta pesquisa pontua-se no município de Quevedos no Estado do Rio Grande do Sul, sua emancipação ocorreu em 1992, pois até então era considerado o 5.º Distrito de Júlio de Castilhos. Partindo das fontes históricas secundárias, a Igreja se torna o patrimônio material e imaterial dos habitantes, porém os primeiros levantamentos em campo, através de entrevistas com a população local, estes demonstraram um sentimento de ambiguidade em relação a este bem cultural, embora esta esteja situada na praça principal da cidade. Sendo assim, em um universo de 2.710 (duas mil, setecentos e dez) habitante que compõe o município, conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2010, as conversas informais com as 121 (cento e vinte e uma) pessoas, o que gera 4,46% da população, estas entrevistas manifestaram uma dualidade no sentimento que rege símbolos no contexto histórico da origem do município. Lembrando que os entrevistados estão dispersos em todas as camadas sociais da população regional. O objetivo central dessa pesquisa é proporcionar um método que permeie a população local para abrir um espaço de debates e reflexão sobre o contexto histórico do município, enfatizando as questões culturais e patrimoniais assim como os seus reflexos nas memórias materiais e imateriais. Com intuito de viabilizar o entendimento sobre sentimentos de pertencimento via construção da identidade, ou seja, da construção de si para interação com o coletivo para o devido entendimento e a preservação das memórias, possibilitando a ressignificação de conceitos relacionado aos bens patrimoniais.

Palavras-chave: Identidade. Pertencimento. Patrimônio Cultural.

Abstract: The guiding thread of this research is in the municipality of Quevedos in the State of Rio Grande do Sul, it's emancipation occurred in 1992, since until then it was considered the 5º Júlio de Castilhos District. Starting from secondary historical sources, the Church becomes the material and immaterial heritage of the inhabitants, but the first surveys in the field, through interviews with the local population, they demonstrated a sense of ambiguity in relation to cultural good, although it is situated in the main square of the city. Thus, in a universe of 2,710 (two thousand, seven hundred and ten) inhabitants that make up the municipality, according to data from the Brazilian Institute of Geography and Statistics (IBGE) of 2010, informal conversations with 121 (one hundred and twenty-one) people, which generates 4.46% of the population, these interviews expressed a duality in the feeling that governs symbols in the historical context of the origin of the municipality. Remembering that those interviewees are scattered in all social layers of the regional population. The main objective of this research is to provide a method that permeates the local population to open a space for debate and reflection on the historical context of the municipality, emphasizing cultural and heritage issues as well as their reflections on material and immaterial memories. In order to enable the understanding of feelings of belonging through the construction of identity, that is, the construction of oneself for interaction with the collective for proper understanding and preservation of memories, enabling there signification of concepts related to heritage assets.

Keywords: Identity. Belonging. Cultural Heritage.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, RS, Brasil.

² Faculdade Cesuca Inedi (CESUCA), Cachoeirinha, RS, Brasil.

Introdução

A cultura ocidental proporciona de certa forma uma vulgarização do rito de passagem nas áreas urbanas, isto é, os símbolos outrora utilizados como arcabouço de memória e pertencimento fixaram-se na sociedade urbana a partir das demandas visuais promovidas pelos filmes, sejam eles, cinematográficos, televisivos e, principalmente, através das propagandas. Essa pressão visual sobre o sujeito ocasiona um anseio interno de onde se deve estar em determinada etapa da vida em virtude de não haver um ato simbólico que remeta a passagem ou a transição. Isso proporciona de certo modo um descolamento entre a realidade vivida e a realidade palpável. A coletividade que renasce em cada indivíduo jovem tem sido proporcionada por uma imagem de memória global, a qual soterra a memória ancestral da região. É claro que em muitos locais há resistência e até mesmo reforço das memórias ascendentes, porém o que nos chama atenção é que o modelo de vida urbana se pontua na multinacionalização, tanto que se percebe uma uniformização do status de patrimônio a partir do externo, sem que haja um intercâmbio ou uma negociação.

Para exemplificar onde acontece a quebra da memória ancestral, a antropóloga Dra. Mariza Peirano (1995, p. 92) exemplifica através da "noção de 'morte' que está presente em todos os ritos e é complementar à noção de "passagem": nos ritos de iniciação os noviços 'morrem' socialmente para renascer com *status* adulto". Os conflitos durante esta passagem de tempo entre o indivíduo e as esferas (camadas) de coletivo, por muitas vezes desencadeiam o denominado "vazio existencial" devido a precariedade do pertencimento. E é justamente este pertencimento de coletividade que é quebrado e reconfigurado pelo modelo de vida urbana a qual projeta indivíduos com poucos anseios sociais e visão cultural global é que marca o deslocamento da memória ancestral.

É nesse quadro que buscamos através desta pesquisa, proporcionar um método que permeie a população local para abrir um espaço de debates e reflexão sobre o contexto histórico do município,

ênfatisando as questões culturais e patrimoniais, assim como os seus reflexos nas memórias materiais e imateriais. Com intuito de viabilizar o entendimento sobre sentimentos de pertencimento via construção da identidade, ou seja, da construção de si para interação com o coletivo para o devido entendimento e a preservação das memórias, possibilitando a ressignificação de conceitos relacionado aos bens patrimoniais.

Um breve contexto histórico da região

O fio condutor desta pesquisa pontua-se no município de Quevedos no Estado do Rio Grande do Sul, sua emancipação ocorreu em 1992, pois até então era considerado o 5º Distrito de Júlio de Castilhos.

Segundo o relatório promovido pela Scientia Consultoria Científica (2012, p. 19) a região apresenta-se como "rotas de migração e locais de assentamentos indígenas, rotas de penetração colonial, bandeiras de apresamento, caminhos de tropas de gado, instalações e aldeamentos jesuítos, além de estâncias de criação de gado". As frentes de ocupação humana vão se intercalando entre os indígenas e europeus que avançam pelas paragens, principalmente com a "destruição dos grupos indígenas habitantes do território, como os Guarani, que serão aldeados em missões pelos padres jesuítos".

Para tanto, no tópico ocupação humana, os estudos arqueológicos demonstram que os primeiros habitantes a ocuparem o atual Estado do Rio Grande do Sul, segundo o arqueólogo Dr. Arno Kern (2009, p. 18) deu-se "nos vales dos rios Uruguai, Ibicuí e Quaraí encontramos os vestígios arqueológicos mais antigos, datados de 12.000 a 10.000 A.P., esses primeiros caçadores que aqui penetraram foram também os mais antigos artefices pré-históricos de que temos notícia".

Logo, os grupos humanos iriam desbravar a região do atual Estado e novas paisagens seriam descobertas apresentando novos problemas de adaptações e ao mesmo tempo gerando respostas a esse novo meio ambiente. Essas populações, "extraíram fragmentos de rocha dos afloramentos de basalto, arenito silicificado, calcedônia. Esses

caçadores deixaram neste contexto arqueológico núcleos, talhadores, raspadores e lascas simples e retocadas" (KERN, 2009, p. 18-19).

Quanto às populações agricultores e horticultores:

As populações agricultoras e horticultoras tiveram origem num processo migratório há cerca de 5.000 A.P., quando um grupo saiu da região amazônica. Os Guaranis adaptaram-se ao meio ambiente do Rio Grande do Sul, instalando-se inicialmente nos vales florestados e posteriormente dominando um vasto território. Dentre os artefatos destas populações sobressaem às cerâmicas, utensílios diários de grande uso e valor no grupo Guarani (COPÉ, 2008, p. 74 apud SCIENTIA, 2012, p. 38).

As primeiras pesquisas para região foram efetuadas pelo Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (Pronapa), entre os anos de 1967 e 1968, entre os Rios Ibicuí Mirim, Jacuí Médio, nas nascentes dos Rios Ijuí e no alto Jacuí e nos Rios Ijuí Médio e o Piratini. Esses estudos demonstraram que os primeiros habitantes da região seriam os caçadores-coletores-pescadores em paisagens abertas ou abrigos sob rochas e matas. Bem como, fases de ceramistas, mais precisamente Guarani.

Quanto a ocupação colonial, o contexto histórico do município, identifica que a região fazia "parte integrante da Estância Jesuítica de São Domingos a partir do século XVII e, logo, pertencente ao Povo de São Miguel das Missões" (SCIENTIA, 2012, p. 41). Nos anais históricos, traça como o "primeiro morador e colonizador o paulista José de Quevedo de Macedo, que se estabelece numa região – então Distrito de São Xavier, Província das Missões em 1802, logo após a incorporação das missões ao território português como consequência do Tratado de Badajós em 1801 (COSTA, 1991, p. 250 apud SCIENTIA, 2012, p. 41).

Ao chegar na "Costa do Toropi", José de Quevedo de Macedo passou a criar animais vacuns e cavalares e, conforme testemunho de Salvador Paes, segundo morador a radicar-se na região, em 1815, naquela época Macedo já estava com "casas e mangueiras, tempo em que naquelas imediações o dito Quevedo era o único morador".

De acordo com antigos moradores do município, Quevedo teria se estabelecido nas proximidades do – hoje denominado – "Cemitério Velho" onde, após construir os ranchos e a mangueira, teria edificado uma capelinha de lascão de madeira, coberta de tabuinhas. Nela ele montou um pequeno sino de bronze, utilizado para reunir os indígenas das redondezas que viriam a ser por ele catequizados, e, em seu altar, foi colocada uma pequena imagem de Nossa Senhora dos Remédios.

Com sua morte em 1842, José de Quevedo de Macedo foi enterrado na capelinha, como era de seu desejo. A capela, no entanto, foi consumida pelo tempo e seu quadro, cercado de taipa de pedra, passou a ser usado como cemitério, sendo o mais antigo do município, hoje em dia conhecido como "Cemitério Velho10".

Embora a capelinha de madeira construída por José de Quevedo de Macedo tenha ruído e sido desmontada com o passar dos anos, a imagem de Nossa Senhora dos Remédios, o sino de bronze e a pia batismal que nela se encontravam ainda existem, sendo atualmente guardados na Igreja de Nossa Senhora dos Remédios, construída pelos filhos de Quevedo alguns anos após sua morte (COSTA, 1991, p. 74-76).

A Igreja Nossa Senhora dos Remédios (Figura 1) tem como seu marco de construção o ano de 1820 e foi edificada pelos filhos do Sr. Macedo para atender o pequeno vilarejo e também homenagear o seu pai, visto que este era devoto da santa (COSTA, 1991).

Figura 1 – Imagem da Igreja Nossa Senhora dos Remédios



Fonte: LAPA, 2019.

Com a emancipação da região em personalidade jurídica, o poder municipal buscou como fundação para narrativa de origem a colonização do território, colocando

como símbolo a Igreja N. Sra. Dos Remédios na bandeira, no brasão, no selo e no hino, através das respectivas leis n.º 110 de 28 de agosto de 1995³ (Figura 2) e a de n.º 144 de 22 de julho de 1996⁴.

Figura 2 – Bandeira e Brasões do Município



Fonte: Lei Municipal de Quevedos/RS n.º 144, de 22 de julho de 1996⁵.

Partindo das fontes históricas secundárias, a Igreja se torna o patrimônio material e imaterial dos habitantes, porém os primeiros levantamentos em campo, através de entrevistas com a população local, estes demonstraram um sentimento de ambiguidade em relação a este bem cultural, embora esta esteja situada na praça principal da cidade. Sendo assim, em um universo de 2.710 (dois mil, setecentos e dez) habitantes que compõem o município, conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2010, as conversas informais com as 121 (cento e vinte e uma) pessoas, o que gera 4,46% da população, essas entrevistas manifestaram uma dualidade no sentimento que rege símbolos no contexto histórico da origem do município. Lembrando que os entrevistados estão dispersos em todas as camadas sociais da população regional.

Metodologia de pesquisa

A metodologia para esta pesquisa versará pelos meandros no método comparativo conforme proposto pelo autor Antônio Gil (2014)

trata-se de um método de comparação pela investigação de indivíduos, fatos e classes com vistas a ressaltar as diferenças e similaridades entre eles consolidando dados obtidos através da pesquisa-ação. Segundo os autores Evandro Ghedin e Maria Franco (2011), pesquisa-ação crítica "possui enfoque na elaboração de um processo que viabiliza a construção cognitiva da experiência, embasada pela crítica coletiva e reflexiva, que será dirigido pelos levantamentos quantitativos e qualitativos dos dados obtidos".

Ingresso no município

Ao nos inserirmos no trabalho de campo no município de Quevedos (RS), em maio 2019, através das pesquisas via Arqueologia Preventiva⁶ para o trabalho de levantamento histórico, não tínhamos como objetivo que este trabalho gerasse esse "estranhamento" (GILBERTO VELHO, 1980, p. 16) em relação aos sentimentos que a população nutre em relação ao seu bem patrimonial material maior, que é a Igreja.

Uma vez que, a equipe ingressou em trabalho

³ Lei Municipal n.º 110, de 28 de agosto de 1995. Disponível em: http://www.quevedos.rs.gov.br/exibe_conteudo.php?id=simbolos_municipio. Acesso em: 10 dez 2019.

⁴ Lei Municipal n.º 144, de 22 de julho de 1996. Disponível em: http://www.quevedos.rs.gov.br/exibe_conteudo.php?id=hino_municipio. Acesso em: 10 dez 2019.

⁵ Lei Municipal n.º 110, de 28 de agosto de 1995. Disponível em: http://www.quevedos.rs.gov.br/exibe_conteudo.php?id=simbolos_municipio. Acesso em: 10 dez 2019.

⁶ Arqueologia Preventiva, segundo Bastos *et al.* (2007, p. 145 apud MATOS, 2017, p. 141), deve ser "entendida como todo e qualquer processo ou procedimento que vise a estabelecer de forma preventiva a proteção para que não ocorra danos ou qualquer tipo de mutilação ao patrimônio cultural arqueológico".

de campo sob a perspectiva de conhecer a Igreja, visto que se trata de um patrimônio cultural do município. Entretanto em um dia de trabalho no mês de outubro 2019, uma das pesquisadoras estava realizando registros fotográficos da Igreja Nossa Senhora dos Remédios, ao visualizar a placa da sua fundação se atentou sobre a "coincidência" do sobrenome Macedo, o qual havia herdado de seu pai. Simultaneamente ocorreu o fato de que a sua minha mãe era natural de São Pedro do Sul, foi então que teve o *insight*, ou a "sacada" como antropólogo Dr. José Guilherme Cantor Magnani (2009, p. 136) descreve:

A "sacada" na pesquisa etnográfica, quando ocorre – em virtude de algum acontecimento trivial ou não – só se produz porque precedida e preparada por uma presença continuada em campo e uma atitude de atenção viva. Não é a obsessão pelo acúmulo de detalhes que caracteriza a etnografia, mas a atenção que se lhes dá: em algum momento os fragmentos podem arranjar-se num todo que oferece a pista para um novo entendimento, voltando à citação de Lévi-Strauss (MAGNANI, 2009, p. 136).

Essa "sacada" foi compartilhada com a equipe e a partir de então aquele cenário passou a ter outra forma, cor e intensidade, foi como se as questões do contexto histórico sobre a igreja tivessem realizado "uma piscadela" como propõem o antropólogo Dr. Clifford Geertz (2008, p. 7), para as possibilidades ali existentes:

Todavia, isso leva à visão da pesquisa antropológica como uma atividade mais observadora e menos interpretativa do que ela realmente é. Bem no fundo da base fatural, a rocha dura, se é que existe uma, de todo o empreendimento, nós já estamos explicando e, o que é pior, explicando explicações (GEERTZ, 2008, p. 7).

Até o momento da "sacada", a pesquisadora considerava os seus diários de campo relacionados à execução daquele trabalho "rasos", pois recentemente havia ingressado no mestrado, e por isso havia um planejamento para o aprimoramento, o qual estava se empenhando para realizar com os devidos ajustes nos levantamentos realizados. Entretanto no momento do *insight* passou olhar para os diários com

outra conotação. Ao regressar desse trabalho, iniciou o processo de reescrever os diários de campo para o computador e se derrapou com informações relevantes as quais haviam passado despercebidas. Pois o foco no fazer em alguns momentos não permite compreender, mas o diário de campo se torna uma capa protetora do saber. Sendo assim, aquele "estranhamento" passou a ter uma nomenclatura: a desconexão que a população local possui com a Igreja. Logo surgiu o questionamento: em qual momento a igreja deixou de ser um referencial de memória para aquela população?

Para o antropólogo Magnani, fazer etnografia requer cautela, sendo as bases fundamentais: elaboração das diretrizes básicas (uma lógica), se inserir, anotar, vivenciar, treinar olhos e ouvidos, se despir de preconceitos previamente construídos, ou seja:

A antropologia não se define por um objeto determinado: mais do que uma disciplina voltada para o estudo dos povos primitivos ela é, como afirma Merleau-Ponty, a maneira de pensar quando o objeto é outro e que exige nossa própria transformação (MAGNANI, 2002, p. 16).

O autor Magnani (2002, p. 17) complementa:

O método etnográfico não se confunde nem se reduz a uma técnica; pode usar ou servir-se de várias, conforme as circunstâncias de cada pesquisa; ele é antes um modo de acercamento e apreensão do que um conjunto de procedimentos (MAGNANI, 2002, p. 17).

Memória material e imaterial

As fontes de pesquisa primária para esse projeto será a execução da observação participante para obtenção das diretrizes para entrevistas com a população local para elaboração, o qual terá como diretriz a ressignificação do contexto histórico que permeia a igreja e a implementação dos Projetos de Educação Patrimonial que serão executados sem escolas públicas a serem elencadas pela Secretária da educação do município de Quevedo/RS.

O entendimento do Instituto do Patrimônio

Histórico e Artístico Nacional, através da Portaria n.º 137, publicada em 28 de abril, em relação à Educação Patrimonial, se embasa no Artigo 2º como "os processos educativos formais e não formais, construídos de forma coletiva e dialógica, que têm como foco o patrimônio cultural socialmente apropriado como recurso para a compreensão sócio histórica das referências culturais, a fim de colaborar para seu reconhecimento, valorização e preservação".

O Instituto coloca à disposição os instrumentos de referências bibliográficas as publicações: *Educação Patrimonial: Histórico, conceitos e processos*, de 2014; e *Educação Patrimonial: inventários participativos*, 2016. No Artigo 6º, institui as Casas do Patrimônio, que objetivam "ampliar as possibilidades de diálogo entre o Iphan e a sociedade por meio da Educação Patrimonial". Sua organização e funcionamento ocorrerão por meio de parceria "a ser instituída por Acordo de Cooperação Técnica- ACT, com critérios definidos pela CEDUC/ COGEDIP/ DAF" (IPHAN, 2016).

Diante do exposto segue uma previa descrição sobre Educação Patrimonial, sob a perspectiva da Museóloga Dra. Maria De Lourdes Horta:

A Educação Patrimonial tem por objetivo "levar as pessoas a perceber, compreender e identificar com o drama histórico, social e cultural encapsulado em cada objeto, em cada artefato, em cada expressão cultural", sejam estes providos das disciplinas arqueológica ou museológica, para que venham a ser "referências para o presente e para o futuro". Ao imergir-se no drama do tempo pretérito, ao "ouvir as vozes de seus atores, colocar-se em suas peles e ossos, sentir suas alegrias e perceber suas angústias, seus temores e fracassos", realizamos "um exercício mental e emocional que pode nos fazer descobrir o quanto fazemos parte dessa história" (HORTA, 2005, p. 11).

Dessa forma, a Dra. Maria de Lourdes Horta enfatiza a necessidade da prática da Educação Patrimonial, assim como as possibilidades de escoar em conhecimento:

Trata-se de um processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo. A partir da experiência e do contato direto com as evidências e manifestações da cultura, em todos os seus múltiplos aspectos, sentidos e significados, o trabalho da Educação Patrimonial busca levar as crianças e adultos a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural, capacitando-os para um melhor usufruto destes bens, e propiciando a geração e a produção de novos conhecimentos, num processo contínuo de criação cultural (HORTA, 1999, p. 7).

Para o antropólogo Dr. Antônio Augusto Arantes Neto, no livro *Paisagens Paulistanas*, no qual aborda temas relevantes para a construção social do espaço público, os embates da cidadania e as práticas de conservação (2000, p. 10). No qual enfatiza que a construção social esbarra na questão do pertencimento ao meio. Ou seja, pertencer a uma classe, grupo, categoria e/ou nação se faz necessário uma localização no mapa social reconhecendo como legítimo e estando situado em um espaço físico, esses dois atributos "estar situado em" e "pertencer a" que são as dimensões constitutivas da condição de cidadão, pois "pertencimento" significa em termos amplos, fazer parte do que a coletividade reconhece como nós. Isso é, a função em um sistema de relações sociais que permite, impede ou regula o acesso a determinados recursos materiais simbólicos (2000, p. 88).

Na entrevista realizada pelo o antropólogo professor Arantes Neto para o Programa Capital Natural,⁷ em 18 de maio de 2018, revela o termo "regulamentações", que pode ser entendida como o termo memória imaterial: aquilo que não toca, mas toca o sujeito subjetivamente. Sendo assim, possui um lado psicossocial, por isso que o patrimônio é o lado da condição humana da inclusão social e da autoestima porque as pessoas se sentem pertencentes a comunidade com as atividades desenvolvidas por razões pessoais algo de relevância regional ou nacional.

⁷ Programa Capital Natural, entrevista com o Dr. Antonio Augusto Arantes Neto, em 18 de maio de 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XLfwi0lvPu8>. Acesso em: 10 dez. 2019.

Planejamento da execução das atividades

Nesse sentido, descrevemos as atividades a serem desenvolvidas durante a execução do Programa de Educação Patrimonial. As ações educativas elaboradas e propostas pelos pesquisadores Dr. Alexandre Pena Matos e pela mestrandia Joyce Rodrigues Macedo descritas abaixo faziam parte do objeto do Programa de Gestão do Patrimônio Arqueológico no empreendimento Condomínio Jockey Club: Programa de Educação Patrimonial, Processo IPHAN n.º 01512.000007/2016-90, sob a Coordenação Geral do Arqueólogo e Professor Dr. Klaus Peter Kristian Hilbert, entretanto, não houve avanço na execução do mesmo, o que nos permite, no atual momento, difundir o método proposto para outra localidade.

Inserção na comunidade para realizar entrevistas sob a perspectiva de obtenção de informações

em relação ao patrimônio material e imaterial da população local, essa será realizada sob a diretriz da ficha de percepções. Para tanto, as ações educativas junto a população local terão como objetivo exemplificar, seguindo o modelo do arqueólogo Dr. Valdir Luiz Schwengber durante o Programa de Monitoramento Arqueológico nas Áreas de Influência da CGH Fazenda Modelo, Município de Juara – MT em 2018, Processo IPHAN n.º 01425.000356/2016-91. Questionário objetivo e dissertativo como meio avaliativo: *Ficha de Percepções* (SCHWENGBER, 2018, p. 252) (Figura 3).

A Portaria nº 137/2016 no Artigo 2º entende que a Educação Patrimonial é um “processo educativo formal e não formal” e que é “constituído de forma coletiva e dialógica”, sendo assim, as atividades versarão sobre 2 (dois) públicos alvos, os dois primeiros com a comunidade local e o segundo com o grupo escolar da região.

Figura 3 – Ficha das Percepções

Ficha de Percepções				
Entrevistada (o):				
Atividade de Ação Educativa (palestra, oficina, capacitação, outros):				Data:
Questionário:				
1. O que você conhece de pesquisa:	() Arqueologia	() História	() Paleontologia	() Outros (quais):
2. Você conhece algum patrimônio cultural material ou imaterial?	() Sim	() Não	Quais?	
3. Que bem cultural você conhece? Descreva.				
4. Na sua opinião como é possível proteger os bens culturais?				
5. Você visita locais de memória?	() Sim	() Não	Quantas vezes? (dia, mês, ano) e Cite os Locais:	

Fonte: SCHWENGBER, 2018, p. 252.

➤ A **primeira atividade** será o contato com a população local.

A interação entre a equipe de arqueologia e a comunidade se dará de forma direta e por meio de diálogos, bem como a divulgação dos

bens patrimoniais materiais e imateriais através de narrativas sobre a história da formação do município enfatizando o contexto histórico que permeia a igreja e *folders*.

- Duração da atividade: entre 5 a 20 minutos, irá depender da forma como a entrevista será aceita pelo comunicante;
- Recurso: diálogo expositivo, artefatos pré e históricos e *folder*;
- Período de execução: antes e durante o salvamento/resgate, bem como, durante o monitoramento arqueológico.
- Questionário fechado como método avaliativo: *Ficha de Percepções*.

➤ E, a **segunda atividade**, que poderá ser em paralelo ou após a ações anterior, será com o grupo escolar da região.

As ações educativas serão apresentadas à direção e coordenação pedagógica da escola. E, posteriormente aos docentes que estiverem dispostos a incluírem em suas aulas as ações educativas que comportem as especificidades da pesquisa arqueológica que compreende os patrimônios materiais, imateriais e ambientais (local e regional), com objetivo de envolver a comunidade escolar na preservação dos bens culturais e ambientais.

As ações educativas com o corpo docentes

O primeiro encontro será apresentado aos docentes via minicurso das atividades que serão realizadas. O objetivo dessa ação educativa será de analisar o entendimento dos conceitos: indivíduo, identidade coletiva, cultura, família, memória e pertencimento em um grupo de pré-adolescentes estudantes do ensino fundamental em escolas públicas no município de Quevedos(RS). Esse projeto visa abranger o corpo docente das escolas envolvidas, para que através da desmitificação dos conceitos apresentados viabilize a propagação dos mesmos. A proposta versa no âmbito de atendimento dos discentes em sua construção como indivíduo frente ao coletivo, seja ele concreto (real/palpável) ou abstrato (virtual/mídia social), visto que estão vivenciando um período de reconstrução de si, devido ao luto pela infância. Partindo dessa

premissa os laços construídos nos primeiros anos de vida servirão de norteadores para sua interação com o coletivo. Entretanto na sociedade ocidental, a vulgarização dos ritos de passagens é fator desencadeante de angustias, em virtude da diversidade de clãs que procuram capturar estes jovens através de narrativas de poder e não pelo acolhimento afetivo. Diante dessas considerações a metodologia aplicada se estabelecerá através da aplicação de questionários, dinâmicas, oficinas e debates que contemplarão história oral, narrativas escritas, fotografias e ou objetos para abarcar a cultura imaterial, ou seja, a memória afetiva frente à função, ao vazio e ao pertencimento do indivíduo ao coletivo e vice-versa. Para isso, a diretriz norteadora dos conceitos abrangidos pelo *Dicionário das Humanidades* (DORTIER, 2010).

Logo após apresentação do curta metragem: *O Circo Borboleta*⁸ de 2009.

Abertura para debate e alinhamento sobre o projeto e vídeo apresentados.

As ações educativas com o corpo discentes

Tema: O Papel da Antropologia na Ressignificação dos Conceitos.

1º Atividade: Palestra Debate Conceitual.

Apresentação do projeto para os discentes, aplicação do questionário norteador da pesquisa e a distribuição de folhetos explicativos dos conceitos a serem trabalhados: indivíduo, identidade coletiva, família, cultura, memória, pertencimento, autoimagem e autoestima. Logo após, debates sobre os temas apresentados.

Objetivos:

- Breve apresentação da ação educativa para os discentes e distribuição de um folheto com descrição dos conceitos: indivíduo, identidade coletiva, família, cultura, memória, pertencimento, autoimagem e autoestima. Embasados no *Dicionário das Humanidades*. Orientar que tenham em mãos o referido material durante os encontros.

⁸ Curta Metragem: *The Butterfly Circus* (Original); Ano de produção 2009. Dirigido por Joshua Weigel; Estreia 2009 (mundial); Duração 20 minutos; Gênero drama; País de origem: Estados Unidos da América. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=egjc3e_Visc. Acesso em: 10 dez. 2019.

- Compreender os modos operante da turma.
- Possibilitar sentimentos de pertencimento ao grupo escolar
- Aprimoramento do pensamento crítico.

Material necessário: Folhetos explicativos e questionário de sondagem/verificação, primeira questão elaborada com dados do INEP (2017⁹):

1. Qual a sua idade?
 - B. () 13 - 14
 - C. () 15 - 16
 - D. () 16 - 17
 - E. () 18 ou mais
2. Você acredita que dominar conceitos farão você refletir antes de tomar decisões no seu dia a dia?
 - A. () Discordo totalmente
 - B. () Discordo parcialmente
 - C. () Concordo totalmente
 - D. () Concordo parcialmente
3. Quando você necessita do conceito de uma palavra, em qual dessas possibilidades você recorre:
 - A. () Internet, levo em consideração a primeira apresentação
 - B. () Internet, mas tenho um site específico. Nesse caso cite qual_____
 - C. () Professores
 - D. () Responsáveis
4. Na sua opinião, o que significa pensamento crítico?
 - A. () Pensar nas questões com base no que é apresentado pela mídia (internet, televisão etc.)
 - B. () Pensar nas questões com base no que é dito pelos amigos

- C. () Pensar nas questões com base no que estudo, leio e discuto para elaboração adequada do conceito
- D. () Pensar nas questões com base no que é dito pelos meus responsáveis

5. Na "sua opinião ouvir histórias, contos e anedotas sobre a sua família aproxima você dos entes com quem convive"¹⁰?
 - A. () Não interfere
 - B. () Interfere pouco
 - C. () Interfere moderadamente
 - D. () Interfere totalmente
6. Na sua opinião, o conceito autoimagem significa:
 - A. () Como me sinto
 - B. () Como me enxergam
 - C. () Como me vejo
 - D. () O que falam da minha pessoa
7. Na sua opinião, o conceito autoestima significa:
 - A. () O que dizem que sou
 - B. () O meu jeito de sentir
 - C. () Como me sinto
 - D. () Como me vejo

2º Atividade: O Curta.

Apresentação do curta metragem *O Circo Borboletas*¹¹ de 2009.

Objetivos:

- Enfatizar os recortes do curta metragem que abordam os conceitos: autoimagem, autoestima, pertencimento, família e função.
- Debate sobre o curta metragem.
- Aprimoramento do pensamento crítico.

Material: Um projetor sala com cadeiras para número de participantes.

Desenvolvimento: após a apresentação do curta,

⁹ Censo Escolar 2017 divulgado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP).

¹⁰ IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Educação Patrimonial:** Inventários Participativos: manual de aplicação. Brasília-DF: IPHAN, 2016.

¹¹ Curta Metragem: *The Butterfly Circus* (Original); Ano de produção 2009. Dirigido por Joshua Weigel; Estreia 2009 (mundial); Duração 20 minutos; Gênero drama; País de origem: Estados Unidos da América. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=egjc3e_Visc. Acesso em: 10 dez. 2019.

organizar o grupo em círculo para debate sobre os conceitos: indivíduo, identidade coletiva, família, cultura, memória, pertencimento, autoimagem e autoestima para esclarecimentos e debates.

3º Atividade: Dinâmica da Autoestima¹².

Despertar para a valorização de si. Encontrar-se consigo e com seus valores.

Objetivos:

- Breve análise sobre a sua atuação no mundo.
- Aprimoramento do pensamento crítico.

Material: Um chapéu e um espelho pequeno colado no fundo.

Desenvolvimento: o procedimento será deixar fora do ângulo do campo de visão do grupo coloca-se um chapéu com um espelho colado no fundo. Logo em seguida, haverá a explicação para o grupo que no fundo do chapéu existe uma imagem de alguém muito importante para você. Imaginem uma pessoa que vocês estimam muito, da qual possuem imenso carinho e afeto seus desejos em relação a essa pessoa são de ser carinho, cuidado, respeito e amizade. Alguém que está sempre por perto, imaginem estão dando e recebendo um longo e efetivo abraço dessa pessoa. Agora identifiquem os motivos pelos quais essa pessoa se tornou tão importante na sua vida. Reservar um tempo para esta reflexão. Agora vocês vão encontrar-se aqui, frente a frente com esta pessoa que é o grande significado de sua vida. Individualmente deverão se dirigir ao local olhar a imagem e comunicar se "tiraria o chapéu para essa pessoa", ou seja, se essa pessoa merece o seu carinho e admiração e porque, sem mencionar quem está na imagem. Após a participação de todos, faz-se a partilha dos próprios sentimentos: como foi ser apresentado como a pessoa mais importante? Reforçar conceitos de autoimagem (como me vejo) e autoestima (como me sinto) logo após abertura para debate.

Solicitar para o próximo encontro que tragam um objeto que remeta a uma história de si ou

familiar, pode ser relacionado às categorias que constituem os *Livros de Registros do IPHAN*, através do Decreto n.º 3.551, de 4 de agosto de 2000, como descreve as autoras Maria Castro e Maria Londres no Livro *Patrimônio Imaterial no Brasil* de 2008:

5. Um saber, modo de fazer algo que pertença a sua família por exemplo uma receita.
6. Formas de expressão uma música, poesia, artes plásticas, cênicas e lúdicas modo de fazer algo que pertença a sua família
7. Celebrações: festas, ritos que envolvam a vida social da sua família
8. Lugares: uma praça, igreja, mercado e ou edifício que ocorra alguma prática cultural que a sua família tenha o costume de se envolver (CASTRO; LONDRES, 2008).

4º Atividade: Dinâmica do Bem Cultural Familiar Imaterial.

Cada aluna (o) poderá optar em trazer um ou mais dos seguintes itens: objeto, história oral, narrativa escrita ou fotografia. Estes deverão abranger a cultura imaterial sobre o fato/objeto histórico, seja ele abstrato ou real, isto é, o bem cultural familiar imaterial que envelopa as memórias afetivas frente a função, ao vazio e ao pertencimento do indivíduo ao coletivo (antepassados) e vice-versa.

Objetivo:

- Despertar para a função e pertencimento na sua família e demais grupos de convívio.
- Valorização de si e do grupo via bem material e imaterial.

Material: Objetos que remetam alguma identidade cultural da família do discente. Um bloco com tarefas, nesse haverá a descrições: passo a vez, conto a minha história, o meu colega da direita conta a sua história, o meu colega da esquerda conta a sua história. Uma música animada de fundo.

¹² Inspirado na dinâmica "**Caixinha de Surpresas**", em maio de 2008. Disponível em: <https://edupopsaude.blogspot.com/2008/05/idiias-de-dinmicas-para-grupos-da.html>. Acesso em: 10 dez. 2019.

Desenvolvimento: Organizar o grupo em círculo, cada um com o seu objeto. Será passado um bloco o qual deverá ser aberto aleatoriamente sempre que a música parar. Nesse haverá a descrição da tarefa a ser executada a partir do objeto que o discente trouxe.

Reaplicação do questionário de análise/avaliação.

Material Gráfico: no livro *Dicionário das Ciências Humanas* (DORTIER, 2010), através dos conceitos básicos: indivíduo, identidade coletiva, cultura, família, memória e pertencimento.

- **Autoestima:** é um dado fundamental da personalidade, situada na confluência de diversos componentes essenciais do eu, especialmente o cognitivo (o olhar sobre si mesmo e à pergunta "Quem sou eu?") e o afetivo (auto avaliação e resposta à pergunta "Que valor tenho eu?"). Em suma uma amizade exigente de si mesma;
- **Cultura:** não nos alimentamos da mesma forma no Japão ou na França; não aderimos aos mesmos valores conforme tenhamos nascido em Nova Délhi ou em Nova York, não obedecemos às mesmas normas de vida de nossos avós, etc. A ideia de "cultura" remete a essa diversidade de costumes, comportamentos e crenças forjados no interior de uma sociedade;
- **Família:** juntamente com a crescente da democracia ocidental, desde 1970 os valores individuais, enfatizando a liberdade, a autonomia, o desenvolvimento pessoal e o respeito por cada um viabilizaram a democratização da família, que passou a ser um local da construção do "eu" via negociação;
- **Identidade Coletiva:** a partir de 1980, os antropólogos passaram admitir que toda a cultura é miscigenada partilhando com as comunidades vizinhas características comuns (a língua, a religião, modos de vida, uma parte da sua história);
- **Indivíduo:** como ser biológico sempre existiu, entretanto na década de 1990 emergiu uma nova concepção da figura do indivíduo. Nem a do indivíduo egoísta e fechado em si mesmo, nem do sujeito

voluntário, autor da própria vida. Outra versão. Impôs-se, mais dilacerada, inquieta, atormentada: a do "indivíduo incerto". No qual somos incitados a ser responsáveis por nós mesmos;

- **Memória:** a arte da memória serve para ordenar pensamento, classificar os conhecimentos, suscitar novas ideias, encontrar novas pistas de reflexão, pois viajando em pensamento por nossas lembranças (que constituem imagens mentais), chegamos à inteligência das coisas;
- **Pertencimento (Representação Social):** trata-se de uma representação social, um guia de leitura do mundo. Estão arraigadas no interior de um grupo e dos sistemas de valores que lhe é próprio (DORTIER, 2010).

As possibilidades e os resultados

O projeto se propõe a estimular a resignificação sobre o patrimônio cultural, para que favoreça o sentimento de pertencimento com o meio junto a população local. Possibilitar para população local (parcela entrevistada) assim como para os docentes e discentes das escolas públicas debates, reflexões para o aprimoramento do pensamento crítico, para que através da desmitificação dos conceitos apresentados possam analisar seus sentimentos de pertencimento ao meio sob outro prisma. Viabilizando dessa forma um viés para que os patrimônios culturais existentes no município sejam reconhecidos para a devida preservação. A pesquisa visa aferir os atributos pessoais diante das identidades coletivas de cultura que se articulam no tecido social do cotidiano da população local.

Ao jogar luz sobre as relações entre indivíduos, cultura e sociedade pelo contraponto de "estudar o nós" em sua obra: *A Utopia Urbana* (1989), o antropólogo Gilberto Velho abriu espaço para o "estranhamento" e a relativização da subjetividade *versus* objetividade da cultura e do social. Sob a perspectiva que a noção do outro ressalta a diferença do que constitui a vida social, e a sua efetivação através das dinâmicas sociais. Consequentemente o resultado dessas questões

são fonte permanente de tensão e conflito que poderá escoar em objeto de transformações sociais. O antropólogo Roque Laraia apresenta o conceito de "apatia cultural", a qual ocorre quando um povo perde a motivação e a fé na sua própria cultura. O que podemos relacionar ao vazio causado pelo sentimento de não pertencimento ao meio, situações que contribuem para o surgimento do vazio existencial o qual é fortemente influenciado pelos padrões culturais:

Da mesma forma que é fundamental para a humanidade a compreensão das diferenças entre povos de culturas diferentes é necessário saber entender as diferenças que ocorrem do mesmo sistema (LARAIA, 2001, p. 101).

Para tanto, tal proposta vai ao encontro do que está pautado na Portaria do IPHAN nº 137/2016 a implantação de uma Casa Patrimonial, para que venha se tornar um arcabouço do contexto histórico do município. Com a intenção de que se converta em um vetor do conhecimento, local que terá como premissa o armazenamento dos acervos materiais e imateriais unindo esforços da iniciativa pública, privada assim como a comunidade em geral. Com o propósito de proporcionar junto a população local um espaço para a discussão e reflexão sobre o contexto histórico do município, enfatizando as questões culturais e patrimoniais assim como os seus reflexos no cotidiano. Com intuito de viabilizar o entendimento sobre sentimentos de pertencimento via construção da identidade, ou seja, da construção de si para interação com o coletivo para a devida preservação das memórias culturais e patrimoniais sob a perspectiva do distanciamento da "apatia cultural".

Referências

CASTRO, Maria Laura Viveiros de; LONDRES, Maria Cecília Fonseca. **Patrimônio Imaterial no Brasil:** legislação e políticas estaduais. Brasília/DF: Unesco, Educarte, 2008.

COSTA, Firmino. **Terra de Vila Rica, Contribuição ao Estudo da História de Júlio de Castilhos/ RS.** Prefeitura Municipal de Júlio de Castilhos/RS, 1991.

Curta Metragem: **The Butterfly Circus** (Original); Ano de produção 2009. Dirigido por Joshua Weigel; Estreia 2009 (mundial); Duração 20 minutos; Gênero drama; País de origem: Estados Unidos da América. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=egjc3e_Visc.

DINÂMICA "**Caixinha de Surpresas**", em maio de 2008. Disponível em: <https://edupopsaude.blogspot.com/2008/05/idiias-de-dinmicas-para-grupos-da.html>.

DORTIER, Jean-François. **Dicionário de Ciências Humanas.** São Paulo/SP: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas.** Rio de Janeiro/RJ: LTC, 2008.

GHEDIN, Evandro; Maria Amélia Santoro FRANCO. **Questões de método na construção da pesquisa em educação.** 2. ed. São Paulo/SP: Cortez, 2011.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** 6. ed. São Paulo/SP: Atlas, 2008.

FLORÊNCIO, Sônia Regina Rampim; CLEROT, Pedro; BEZERRA, Juliana Izete Muniz; RAMASSOTE, Rodrigo. **Educação Patrimonial:** histórico, conceitos e processos. Brasília, DF: IPHAN/DAF/Cogedip/CEDUC, 2014.

FLORÊNCIO, Sônia Regina Rampim; CLEROT, Pedro; BEZERRA, Juliana Izete Muniz; CAVALCANTE, Ivana Medeiros Pacheco; SILVA, Juliana de Souza; LONG, Larissa; KROHN, Ellen Christina Ribeiro; SILVA, Anna Paula; MEDEIROS, Maria da Glória; DUTRA, Maria Vitória de Moraes. **Educação Patrimonial:** inventários participativos. Brasília, DF: IPHAN/DAF/Cogedip/CEDUC, 2016.

HILBERT, Klaus Peter Kristian. **Condomínio Jockey Club do Rio Grande do Sul.** Processo IPHAN nº 01512.000007/2016-90. Porto Alegre/RS, 2016-2019. Disponível em: https://sei.iphan.gov.br/sei/modulos/pesquisa/md_pesq_processo_pesquisar.php?acao_externa-protocolo_pesquisar&acao_origem_externa-protocolo_pesquisar&id_orgao_acesso_externo=0.

HORTA, Maria de Lourdes Parreira; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia básico de educação patrimonial.** Brasília/DF: IPHAN: Museu Imperial, 1999.

HORTA, Maria de Lourdes Parreira; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. Lições das Coisas: o enigma e o desafio da Educação Patrimonial. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional,** Brasília, n. 31, p. 220-233, 2005.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais,** São Paulo, v. 17, n. 49, p. 11-29, jun. 2002. <https://doi.org/10.1590/S0102-69092002000200002>.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. A etnografia como prática e experiências. **Horizontes Antropológicos,** Porto Alegre, v. 15, n. 32, p. 136, jul./dez. 2009. <https://doi.org/10.1590/S0104-71832009000200006>.

NETO, Antônio Augusto Arantes. **Paisagens Paulistas:** transformações do espaço público. Campinas/SP: Unicamp, 2000.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Dados Estatísticos: Município de Quevedos no Rio Grande do Sul, 2010**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/quevedos/panorama>.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). **Decreto nº 3.551 de 4 de agosto de 2000. Livro de Registros**. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/>.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). **Portaria nº 137 de 28 de abril de 2016**. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/>.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). **Educação Patrimonial: Inventários Participativos: manual de aplicação**. Brasília/DF: IPHAN, 2016.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). **Censo Escolar 2017**. Brasília, 2017. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/resultados-e-resumos>.

KERN, Arno Alvarez. Pré-história e ocupação humana. In: GOLIN, Tau; BOEIRA, Nelson. **Povos Indígenas**. Passo Fundo: Editora Méritos, 2009.

LARAIA, Roque de Barros. Cultura: **Um Conceito Antropológico**. Rio de Janeiro/RJ: Jorge Zahar, 2001.

MATOS, Alexandre Pena. **Educação Patrimonial no Contexto Arqueológico**: reflexões acerca das práticas educacionais. (Tese de Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

PEIRANO, Mariza. **A favor da etnografia**. Rio de Janeiro: Relume/Dumará, 1995.

PREFEITURA MUNICIPAL DE QUEVEDOS DO RIO GRANDE DO SUL. **Lei Municipal nº 110 de 28/08/1995**: Símbolos do Município de Quevedos/RS. Disponível em: http://www.quevedos.rs.gov.br/exibe_conteudo.php?id=simbolos_municipio.

PREFEITURA MUNICIPAL DE QUEVEDOS DO RIO GRANDE DO SUL. **Lei Municipal nº 144 de 22/07/1996**: Hino do Município de Quevedos/RS. Disponível em: http://www.quevedos.rs.gov.br/exibe_conteudo.php?id=hino_municipio.

PROGRAMA CAPITAL NATURAL. **Entrevista com o Dr. Antonio Augusto Arantes Neto** em 18 de maio de 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XLfwiOlVpu8>.

SCHWENGBER, Valdir Luiz. **Programa de Monitoramento Arqueológico nas Áreas de Influência da CGH Fazenda Modelo, Município de Juara – MT**. Processo IPHAN nº 01425.000356/2016-91. Tubarão/SC, 2018. Disponível em: https://sei.iphan.gov.br/sei/modulos/pesquisa/md_pesq_processo_pesquisar.php?acao_externa=protocolo_pesquisar&acao_origem_externa=protocolo_pesquisar&id_orgao_acesso_externo=0.

SCIENTIA CONSULTORIA CIENTÍFICA. **Programa de Prospecção, Resgate e Monitoramento Arqueológico**: UHE Santo Antônio do Jari, 2010.

SCIENTIA CONSULTORIA CIENTÍFICA. **Projeto de Levantamento Arqueológico PCHs da Bacia do Rio Toropi** – Quevedos, São Matinho da Serra e Júlio de Castilhos (RS) – Relatório Final. Florianópolis/SC, 2012.

VELHO, Gilberto. **A Utopia Urbana**: um estudo de antropologia social. Rio de Janeiro/RJ: Jorge Zahar, 1989.

VELHO, Gilberto. **O desafio da cidade**: novas perspectivas da antropologia brasileira. Rio de Janeiro/RJ: Campus, 1980.

VELHO, Gilberto. (org.). **Individualismo e cultura**: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro/RJ: Jorge Zahar, 1987.

Alexandre Pena Matos

Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS, Porto Alegre, RS, Brasil).

Joyce Rodrigues Macedo

Graduada em Psicologia pela Faculdade Cesuca Inedi (CESUCA, Cachoeirinha, RS, Brasil).

Endereço para correspondência

Alexandre Pena Matos

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Av. Ipiranga, 6.681, Prédio 40

Partenon, 97010-082

Porto Alegre, RS, Brasil

Joyce Rodrigues Macedo

Faculdade Cesuca Inedi

R. Silvério Manoel da Silva, 160, Bloco 2, 4.º andar

Colinas, 94935-630

Cachoeirinha, RS, Brasil